

Duquesne University

## Duquesne Scholarship Collection

---

Antologia Espiritana

Anthologie Spiritaine

---

5-1-2010

### 03. MODERAR OS EXCESSOS DOS FEITIOS IMPETUOSOS, Ao P. Arragon

Christian de Mare CSSp

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese>



Part of the [Catholic Studies Commons](#)

---

#### Repository Citation

de Mare, C. (2010). 03. MODERAR OS EXCESSOS DOS FEITIOS IMPETUOSOS, Ao P. Arragon. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese/91>

This V is brought to you for free and open access by the Anthologie Spiritaine at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Antologia Espiritana by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

### 3. MODERAR OS EXCESSOS DOS FEITIOS IMPETUOSOS

Ao P. Arragon<sup>262</sup>

*Estanislau Arragon<sup>263</sup> era um missionário tão generoso quanto difícil para a vida de comunidade; o seu caráter, propenso a alterar-se devido à sua forte imaginação, deu azo a que escrevesse uma carta muito dura ao P. Libermann, cheia de raiva contra o P. Gravière, prefeito apostólico, e de alegações infundadas sobre o modo como os seus confrades conduziam a Congregação e a missão. O P. Libermann responde-lhe com uma carta de admoestação, mas em que a delicadeza fraterna aflora a cada instante.*

8 de Maio de 1846

Caro confrade,

Recebi a sua terrível carta de 25 de Março. Se eu não o conhecesse, ela ter-me-ia causado uma profunda inquietação. No entanto, vou dizer-lhe o que penso com toda a simplicidade do meu coração.

1º Se continuar deste jeito, mesmo com as melhores disposições do mundo, arruína a missão; pelo menos, anula tudo o que Deus lhe deu em dons naturais, em zelo e graças, e será um flagelo para os seus confrades; vai levá-los a desanimar e, além disso, estorvá-los nos seus trabalhos. Suplico-lhe, portanto, por amor de Jesus e de Maria, que se modere e não se deixe levar pela violência do seu feitio.

Vou tomar um a um todos os pontos da sua carta e responder-lhes. Antes de mais, dir-lhe-ei em geral que exagera na sua maneira de ver as coisas; enerva-se demasiado. Tenha a certeza de que nisso não anda o espírito de Deus. Veja bem se esta maneira de julgar, firme e categórica, é segundo Deus. Ainda que eu tivesse 90 anos e 50 de experiência, não me atreveria a falar de modo tão taxativo. Há presunção nessa linguagem. No entanto, estou convencido de que não é a presunção que o faz falar assim. Deus sabe que desejo e faço questão de que me diga tudo o que tiver a observar sobre o andamento de tudo e que tenha isso como uma regra de obediência; mas gostaria que falasse com

<sup>262</sup> ND VIII, pg. 142-149.

<sup>263</sup> Cf. índice onomástico.

*Antologia Espiritana*

calma e modéstia. Embora eu tenha a certeza moral de que a causa não é a presunção, isso acabará no entanto por acontecer, e posso mesmo arriscar-me a dizer que já acontece um pouco.

2º A sua linguagem é demasiado brusca, demasiado dura, demasiado exaltada, demasiado áspera. Por amor de Deus não escreva quando estiver com a cabeça perdida; acalme-se e escreva com sensatez. Veja um pouco e pense: diz que estava disposto a reunir-se com os nossos confrades para escolher um outro superior e recusar o que lhes envio. Examine, percorra a Regra e veja se ela autoriza isso. Veja nas Regras de todas [as congregações] que existem no mundo cristão se alguma vez houve regra semelhante. Examine-se na presença de Deus e veja se age segundo o espírito de Nosso Senhor, segundo o Evangelho. Suponha que eu sou o pior dos homens, que, além disso, sou o que você pensa, ou seja, que não tenho nenhuma confiança em nenhum de vós; não devia mesmo assim submeter-se à vontade de Deus por obediência? Que seria das virtudes de comunidade? Que seria da união, da caridade e da cordialidade religiosa, se fosse possível, sem problemas de consciência, agir assim?

3º Acusa-me de não ter confiança em nenhum de vós. Engana-se rotundamente. Acha que não se tem confiança num missionário lá porque ele não é nomeado superior ou prefeito? Tenho muita confiança no P. Bessieux, a prova é que o nomeei superior em lugar do P. Briot; tenho muita confiança em si, a prova é que o nomeei primeiro assistente num sítio em que o superior estará provavelmente ausente durante muito tempo. Mas confesso-lhe que a sua última carta me inquieta. Está horrivelmente exacerbado contra o P. Gravière. Se continuar a proceder assim com ele, só Deus sabe o que pode acontecer. Entre em si, deixe agir a graça, seja-lhe fiel, e não se deixe levar pela sua natureza bruta e violenta. Seja dócil como uma criança, trate o P. Gravière com respeito, com o afeto com que se deve tratar um superior, um substituto de Deus. A sua linguagem em relação a ele é incrível. Supondo que ele cometa faltas, e que as consequências sejam negativas, muito negativas até, que lhe importa isso? Não é você que responderá diante de Deus.

Portanto, tenha calma e não vire tudo do avesso com a sua fogosidade. Além do mais, isso é caso arrumado, e já o era antes mesmo de eu receber as suas cartas sobre este assunto; iria você agora faltar a todas as regras da vida religiosa, semear a desordem na comunidade, lá porque não seguiu o seu desejo, lá porque me teria enganado?

*Congregação do Espírito Santo*

Ordeno-lhe, pois, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, que receba o P. Gravière com afabilidade, com caridade, com os sentimentos que cada um deve ter para com o seu superior. Porque haveria você de o desencorajar? Foi a muito custo que ele aceitou essa missão. É austero, mas de espírito reto; é ativo, vivo e decidido. Desejo que me escreva de imediato para me dar garantias da sua conduta em relação a ele. Faça tudo o que dependa de si para o animar, para manter a paz e a união entre si e ele, entre si e os seus confrades.

4º Desejaria que eu ou não tivesse nomeado nenhum prefeito apostólico ou tivesse dado a nomeação da Santa Sé ao P. Bessieux. Mas você não pode nem deve colocar-se como juiz neste assunto. Como filho obediente, deve submeter-se à vontade de Deus em relação ao superior que lhe foi dado; se tem observações a fazer, faça-as com modéstia, com calma e submissão a Deus. Amo e respeito sinceramente o P. Bessieux, mas achei não dever propô-lo para prefeito apostólico. Pode crer que examinei o assunto diante de Deus. Você diz que o P. Gravière não teve tempo suficiente de noviciado! Mas as circunstâncias foram tão imperiosas, tão extremas, que fui obrigado a passar por cima das Regras, a fazer uma exceção. Esteja consciente de que me custou tanto a mim como a si, e a censura que me faz renova vivamente as dificuldades que experimentei ao ver-me forçado a chegar a esse extremo. Porque estou firmemente decidido a não enviar mais ninguém que não tenha acabado o noviciado, e o meu coração sangrava quando fui obrigado por circunstâncias imperiosas a passar por cima das regras ordinárias.

Você argumenta com exagero, resolve, decide, porque não sabe o que é a administração da Congregação, e não tem nenhuma experiência neste campo. Portanto não qualifique assim a minha conduta. Não tenho que prestar-lhe contas, mas pode acreditar que não faço as coisas de ânimo leve. Procede mal, meu caríssimo irmão. Se o P. Gravière não conhece bem a Regra, você deve, pelo seu bom exemplo, encorajá-lo a conhecê-la melhor. Acautele-se para nunca lhe fazer observações quando estiver exaltado; acalme-se e fale-lhe com delicadeza e modéstia. Pode e deve comunicar-me o que diz respeito à conduta dele, sobretudo em relação à Regra; faça-o, é seu dever, mas, peça-lhe, nunca o faça de forma exaltada, porque assim iria deixar-me confuso, sem poder discernir a justeza de suas observações.

5º Diz que eu não faço caso de suas opiniões. Não sei a que opiniões se refere. Sempre procurei agir tendo em conta as suas ideias, não posso fazer

*Antologia Espiritana*

doutro modo senão informar-me da situação da terra em que está, e tenho sempre insistido consigo para me fornecer detalhes. Penso que se refere à Austrália, mas as suas opiniões nada podem ajudar nesse assunto. Meteu na cabeça e continua ainda a repetir que esta nova missão vai deitar a perder a missão da Guiné. Que quer que faça para lhe tirar essa ideia da cabeça? Não vejo nenhuma relação entre a missão da Austrália e a ruína da missão da Guiné. Disse-lhe, repito e repeti-lo-ei sempre, que a Guiné será a nossa missão principal e que vai para ela o nosso maior desvelo. Tenha a certeza de que se alguém desistir dela será você e não eu. Se tivesse enviado para a Guiné dez missionários em vez dos sete que aí estais, teríeis feito mais até agora? Portanto, deixe-me agir; a administração geral da obra está-me confiada a mim. Não tem graça de estado para estar a avaliá-la. Diz que demos à missão da Guiné uma direção diametralmente oposta à convicção dos missionários. Isto é inteiramente falso; pelo contrário, temos adotado todas as vossas perspectivas e estamos perfeitamente de acordo em relação ao rumo a seguir.

Queria que não aceitássemos a Austrália, mas isso não tem a ver com a direção da missão da Guiné. Tem as suas razões, que lhe parecem importantes, contra a Austrália. As suas razões parecem-nos insignificantes e as nossas importantes. Queria que eu seguisse as suas opiniões, num assunto que não tem nada a ver com sua missão, abandonando as minhas? Não só as minhas, mas as de todos os confrades que se encontram em La Neuville? Imagine que o tínhamos por mais sensato do que todos nós juntos; ainda assim não poderíamos seguir a sua opinião, porque não está a par das coisas. Portanto, não deixe obscurecer a inteligência com as suas concepções violentas. Amo a Guiné muito mais do que você, e o sucesso dela preocupa-me mais do que a si. Conheço melhor a situação e tenho mais experiência do que você, e não vejo de modo nenhum comprometida a Guiné. Mesmo que você fosse mais esperto do que eu, não devia revoltar-se contra uma decisão tomada em consciência.

6º Diz-me que não lhe escrevo. Primeiro, a maior parte de suas cartas não pediam resposta. Eram instruções que nos eram úteis e que deve continuar a mandar; se não estivesse sobrecarregado de trabalho, responderia a todas, mas não tendo ainda ninguém para me ajudar na administração, tenho de me limitar ao estritamente necessário. Tenha pena de mim. Será que eu já não sofro que chegue por não poder entreter-me consigo tanto como desejo? Nesse ponto não preciso que puxem por mim; mas que fazer, se não pode ser como eu queria? Tenha paciência, quando eu puder passar a outro a direção do noviciado,

*Congregação do Espírito Santo*

poderei ocupar-me mais em dar essas alegrias aos missionários. Sempre respondi a todas as coisas necessárias e úteis. As minhas cartas não lhe chegam tão depressa como provavelmente desejaria, porque atrasam no correio. Escrevi-lhe mais de oito vezes.

7º Censura-me de não o ter informado a respeito da jurisdição. Mandei-lhe numa carta a informação possível, e disse-lhe que ia tratar disso. Ainda não há nada de certo. Vou a Roma tratar disso pessoalmente. Disse-lhe mesmo numa carta para não começar a construir ainda em Dakar até eu ter resolvido isso. Começou, por não ter recebido a minha carta a tempo, ou por eu a ter escrito tarde de mais, mas não podia escrevê-la mais cedo. Quando se levantaram dúvidas sobre isso, a minha vontade era que se não avançasse. Estas coisas não se resolvem num dia. É preciso ter paciência; é uma virtude necessária ao missionário.

8º Diz que o Ministério me engana. Isso é falso. Conheço o terreno que piso. Diz que quero, ainda mais uma vez, enviar os meus missionários para a morte, mas que desta vez eles não irão. Não devia dizer isso a um homem que o ama mais ternamente do que o possam ter amado alguma vez o seu pai e a sua mãe, e que preferia morrer ele a vê-lo morrer a si. Acrescenta: eles não irão. Sei que, rigorosamente falando, talvez não sejam obrigados a ir, mas dizendo isso você cometeu uma falta. Por mim, digo-lhe também que não vão; já disse ao P. Gravière para examinar bem a situação; o mesmo escrevi para vocês (creio que para o P. Briot), e que não fossem para lá se a região fosse doentia.

Eis a minha regra de conduta, ou melhor, os meus princípios orientadores em relação ao Governo. Podemos caminhar sem ele, mas não contra ele. Se o tivermos contra nós, a missão depressa irá à ruína. Deve portanto gerir as suas suscetibilidades e agir em tudo segundo a Regra, isto é, acatando ordens emanadas da autoridade espiritual.

9º Diz uma coisa horrível na sua terceira observação: tome cuidado para que os seus missionários desprezados e aviltados a seus olhos, e aos olhos de seus importantes conselheiros, não o desprezem por sua vez. Mas, meu caro amigo, não se deixe levar assim pela cólera. Quanto ao P. Schwindenhammer, ao qual faz alusão, está totalmente inocente de quanto me censura com a sua imprudente vivacidade. Peça-lhe que se acalme pois está a ofender a Deus. De resto, indo a Roma, prestarei contas do nosso relacionamento com o Governo, e tenho a certeza de ser aprovado. Se o não for, seguirei as ordens que receber.

*Antologia Espiritana*

10º É bom que os irmãos mostrem as cartas que escreverem, exceto as que mandarem ao Superior Geral ou ao diretor deles na nossa casa da Europa.

Estou muito triste devido ao que me diz do P. Schwindenhammer. Sacrifica-se pela Congregação, esgota por ela as suas forças, interessa-se por ela, sabe tanto dela como eu. Acrescento que tem bom espírito, que conhece o espírito da Congregação, que é um padre piedoso e sólido. Não compreendo por que se exaltou em relação a ele. Não foi ele quem tomou a decisão de aceitar a Austrália; e se o tivesse feito, teria feito uma boa coisa.

Portanto, deixe lá essa Austrália, está a fustigar a sua imaginação com quimeras. Ainda que eu tivesse quinze missionários à minha disposição, nem sequer mais três enviaria para a Guiné; é necessário começar a obra a sério; só então se revelarão as necessidades, e nessa altura vocês terão os confrades que forem precisos.

Em relação ao P. Gravière, você exagera e a sua violência é muito capaz de envenenar as suas relações com ele. Não foi, de modo nenhum, o P. Schwindenhammer que me aconselhou a esse respeito. Foi só a excessiva aflição do momento que me levou a fazer essa escolha prematura, que ainda agora me entristece, mas que era necessária, absolutamente necessária, e você não deve de modo nenhum controlar a minha maneira de agir; você não está ao par da situação. Portanto, console os seus superiores quando se encontrem numa situação penosa em vez de os desgostar ainda mais censurando-lhes o que fazem a tanto custo.

Tenha cuidado com os maometanos, não lhes fale contra Maomé; não avance de modo demasiado brusco: arriscar-se-ia a deitar tudo a perder. Faça o que antes tinha resolvido, que era conquistar a confiança deles.

Vou pedir muito a Nosso Senhor lhe dê a paz, a moderação, a docilidade e a caridade. Não desanime por ter dado rédea solta ao seu caráter, recupere a paz, e Deus estará consigo. Abraço-o nas entranhas da caridade de Jesus e de Maria.

Todo seu.

**F. Libermann, padre.**

P. S. – Não sei se algum caso de consciência ficou sem resposta. Parece-me que respondi a todos.